APM
Série: 11.2
Cx: 01
Doc: 110

SID

06 páginas escritas

CHRISTIANO MACHADO

Euryalo Cannabrava

O último encontro que tive com Christiano Machado foi em Roma, poucos dias antes de sua morte. O nosso embaixador junto à Santa Sé, fortemente gripado, recebeu-me em uma sala ampla, rodeada de livros e revistas, absorvido inteiramente pelos seus deveres novos de diplomata. Christiano Machado era um desses raros homens, cuja simples presença nos fazia pensar com mais clareza, e nos despertava o desejo de praticar uma boa ação. O segredo de sua personalidade magnética era mais de ordem afetiva do que intelectual. Era difícil, porém, escapar á atração de suas maneiras sempre afaveis e impossivel esquecer a tonalidade de sua voz cheia de simpatia e doçura evangélica.

A amabilidade espontanea constituia o traço mais vivo de seu carater, aparentemente inclinado a fazer concessões, mas capaz de resistência obstinada quando ferido em suas crênças ou convicções mais intimas. O cavalheirismo do mineiro ilustre era um dom de família, pois quem já teve o privilégio de conhecer qualquer de seus membros compreenderá, fácilmente, o que significa a gentileza sem afetação e o poder de simpatia humana que não exige e nem espera retribuição.

Ele sempre se conservou fiel á religião de seus pais, mas, como poucos católicos, reconhecia que a dúvida merece tanto respeito como a crença. Apezar de cético

em materia politica, soube conservar intacta a sua confiança nos homens e no destino do Brasil. Lembro-me bem que, no nosso último encontro, naquela esplendida tarde romana, ele pela primeira vez me falou em tom confidencial, parecendo me tomar como testemunha de seu depoimento sôbre a participação que tivera na última campanha presidencial.

Depois de se referir à visita aos ~~últimos~~ cardeais, que lhe parecia excessivamente protocolar, dada a impossibilidade de conversar com esses homens experimentados e argutos como ele desejaria, sem se cingir ao convencionalismo diplomático, exprimindo abertamente as suas perplexidades e hesitações, C~~h~~ristiano Machado passou a discorrer sobre os acontecimentos que precederam a apresentação do seu ~~sua~~ nome ~~candidatura~~ ~~nome como candidato~~ à eleição presidencial. Ora, como ele conhecia perfeitamente o meu absoluto alheiamento às questões políticas deste país, fiquei surpreendido que insistisse tanto em esclarecer as vicissitudes e os precalços de sua candidatura. Mas logo compreendi que a ~~sua~~ intenção era comunicar a um compatriota, estimado por ele, o resultado de aturados reflexões feitas no estrangeiro, sôbre os motivos íntimos de sua conduta.

Cedo percebi que submetera os antecedentes de sua arriscada aventura a uma analise ex~~h~~austiva, à procura de justificação racional para si mesmo. Não é que considerasse atitude impensada de sua parte o consentimento em se apre-

sentar como candidato, mas era evidente o seu desejo de demonstrar que não fora vítima de um logro, pois jamais admitira a possibilidade do triunfo.

O que ele mais temia é que acreditassem na sua ingenuidade em participar de uma farça, completamente dominado pela ambição de poderio e de mando. As suas palavras ouvidas, naquele crepusculo romano, impressionaram-me vivamente.

Percebi claramente que Cristiano Machado jamais desejara ser presidente da República, pois a sua ambição sempre fora eleger-se senador estadual em Minas Gerais e viver, como o poeta Abgar Renault, em uma dessas casas acolhedoras com varandas, à sombra de árvores generosas, recebendo amigos e conversando, durante horas infinitas, sôbre o antigo Curral-del-Rei, o tino administrativo de João Pinheiro ou a sabedoria política de Raul Soares.

Era essa vida tranquila, sem incidentes e sobressaltos, que ele sempre ambicionara para si, e não a intriga palaciana, o contacto com homens que nada tinham de comum com ele, que sempre se mostraram incapazes de compreendê-lo. A sua maior ambição ~~sempre~~ fora acabar os ~~seus~~ dias em Minas-Gerais, como o pai, os irmãos Virgílio e Otávio. A própria posição de embaixador no Vaticano, que era tão grata aos seus sentimentos católicos, parecia-lhe agora decorativa demais e inadequada ao ~~seu~~ temperamento mineiro.

Vivendo em Roma, Cristiano Machado permanecia fiel a Belo-Horizonte, invejando os amigos que podiam regressar ao Brasil a qualquer instante, e falando com emoção sôbre o

exercício do magistério em um colegio tradicional como o Pedro II. Nesse ponto, permiti-me observar que a adaptação ao ambiente brasileiro exige sacrifícios e contínuas renúncias. A autonomia intelectual e a liberdade de crítica são entre nós muito mais fictícias do que reais. A punição contra os que têm a coragem de se desviar da rota batida pelos conformistas e bem pensantes vem muitas vezes dissimulada e sutil, mas não deixa jamais de se manifestar.

Seria absurdo afirmar que as autoridades públicas no Brasil agem contra a liberdade de pensamento, como as forças policiais em Espanha e Portugal. Mas como negar que, entre nós, instituições tradicionais e bastante respeitaveis exerçam resistencia obstinada às tentativas de emancipação cultural das novas gerações? São raros os jovens que ousam pensar por conta própria, e a emasculação do espírito crítico obedece a um planejamento sistemático e consciente dos fins a alcançar.

Enquanto falava, notei que não conseguiria jamais inocular no meu amigo o veneno de dúvida e pessimismo que secretara abundamente durante a nossa palestra. Sob esse aspecto, Cristiano Machado era inabalavel, pois acreditava duro como ferro nas reservas morais de nossa gente e, sobretudo, na capacidade intelectual do brasileiro. A sua expe-

riencia política, durante a campanha, advertira-o de que a corrupção era mais generalizada do que supunha, mas não lhe arrancara a fé na regeneração possivel de nossos costumes.

A história de sua candidatura mostra ao vivo até que ponto podem atingir, entre os políticos, a duplicidade a felonia e a tergiversação cavilosa. Um conhecido procer mineiro acordara-o de madrugada para lhe comunicar que o seu nome fora indicado pelo P.S.D. A resposta de Christiano não se fez demorar: " Em primeiro logar, disse ele, é para mim um grande prazer ouvir a sua voz. Há longos meses que não tinha essa felicidade..." O outro não compreendeu a ironia, e insistiu em afirmar que não estava brincando, pois falava sério e queria resposta imediata.

Durante a campanha, os amigos procuraram convencê-lo de que, sem o apoio de certo chefe demagogico, as possibilidades de êxito da sua candidatura seriam ~~escassas e~~ extremamente improvaveis. Christiano pediu algum tempo para refletir, e a sua resposta foi um "não" redondo, altaneiro e irrevogavel. "Como poderia, disse-me ele, entrar em cochichavos com pessoas que viam em mim apenas um instrumento de suas ambições, e assumir compromissos que eu jamais poderia cumprir? A minha candidatura teria, assim, insanavel vício de origem e a

e a possivel vitoria, em virtude de tais transigências, seria

um mal para o meu próprio país."

E como eu observasse que, com tais escrúpulos, ninguem faria jamais carreira política no Brasil, Christiano Machado retrucou: " Se por um absurdo me candidatasse novamente à presidencia do Brasil, incidiria nos mesmos erros de estrategia política, recusando o apoio de pessoas que não me parecem nem sinceras e nem honestas ". Foi a declaração mais veemente que ouvi de seus labios, embora observasse que, apezar de excitado, ele não mencionara o nome do político indesejavel. Christiano sempre foi assim: não acredito que jamais tenha falado mal de alguem. Ele era daqueles que, insultados, respondiam à injúria com ironia, não guardando nunca qualquer resentimento contra os seus gratuitos adversarios.

Todos os homens, não excluindo os perversos e os mal intencionados, mereciam um pouco de seu respeito e de sua piedade cristã. Ele foi, sem duvida, um puro, apezar de ter cometido erros e de se mostrar, às vezes, demasiado condescendente para com os erros alheios. Mas como negar que o seu cavalheirismo e extrema distinção de conduta o incompatibilizassem muito mais com o o meio brasileiro do que ele estaria inclinado a admitir ? Foi a reflexão que fiz, ao me despedir de Christiano Machado, emquanto a tarde caía no ceu romano, e ele me acompanhava até a porta, com aquele sorriso simpático e cordial que nenhum de seus amigos jamais poderá esquecer.

.-.-.-.-.-.-.